

# Duque de Caxias

## — Cidadão

## e Soldado

Subtenente  
BENEDITO PINTO DE FRANÇA

O Exército Brasileiro, em festa, reverencia a memória de seu Patrono — LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA, DUQUE DE CAXIAS, na Semana do Exército.

É um culto que o Exército presta todos os anos ao seu Patrono, cujos feitos representam orgulho e glória para cada soldado.

É uma questão de gratidão.

Muitos brasileiros não sabem o por que desta gratidão, pois sabem muito pouco da vida do ilustre general.

Para admirá-lo e respeitá-lo, é preciso conhecer um pouco mais de sua vida de cidadão e soldado.

O Exército conhece bem a história de Caxias, eis porque, o amamos e o respeitamos.

Entretanto, nos dias atuais, a expressão Caxias vai aos poucos cobrindo o território nacional, como símbolo de honestidade e caráter. Por isso, agora, quando o entrelaçamento entre civis e militares alcança um elevado nível, o Exército faz questão de que o povo conheça melhor o seu Patrono.

Portanto, recordemos a vida deste herói para aprendermos a venerá-lo.



É fluminense, pois nasceu na Fazenda Taquaraçu, neste Estado, no dia 25 de agosto de 1803.

Era filho de uma família de militares, talvez por isso, aos cinco anos, um aviso régio de D. João VI o tornou cadete do Exército, como que profetizando um grande soldado.

Dom João acertou em cheio, pois, aos dezessete anos, no Exército, jurava defender a honra, as instituições e a integridade brasileira com o sacrifício da própria vida. Nunca se esqueceu desse juramento.

Aí começou sua vida militar propriamente dita.

Como tenente, defendeu o Primeiro Império, na guerra da Independência.

Aos vinte e sete anos, já era major, por atos de bravura, e, nesse posto, defendeu por diversas vezes a Regência.

A seis de janeiro de 1833, aconteceu o fato mais importante de sua vida — casou-se com Ana Luiza Carneiro Viana, que foi uma doce e carinhosa esposa durante quarenta e um anos de vida conjugal.

Se Nietzsche tem razão quando disse: — “a mulher é o repouso do guerreiro”, Ana Luiza cumpriu fielmente o seu papel, pois foi sempre uma doce e amada esposa à espera do seu guerreiro.

Aos trinta e seis anos, já soldado consagrado pela glória, foi promovido a coronel, nomeado Presidente da Província do Maranhão e para lá deslocado a fim de acabar com a revolta dos Balaíos.

Usou uma estranha tática. Fez uma proclamação de paz aos revoltosos e os convidou a lutar pela união do Brasil. Muitos atenderam ao seu pedido, já conheciam o valor da palavra do jovem coronel. Os revoltosos enfraquecidos foram rapidamente derrotados. Como pagamento recebeu o seu primeiro título de nobreza: — BARÃO DE CAXIAS, em homenagem a cidade de Caxias, no Maranhão.

Em 1842, São Paulo rebelou-se contra o Segundo Império.



Caxias, que já defendera o Primeiro Império e a Regência, foi lembrado, pelos seus méritos anteriores, para o apaziguamento.

Rápido como Cesar na província romana do Ponto, na Ásia Menor, Caxias chegou, viu e venceu os revoltosos.

Nesta missão, o nosso Patrono teve o desprazer de aprisionar o padre Diogo Feijó, Ministro da Justiça, na Primeira Regência, de quem cumpriu muitas ordens para sufocar rebelião a ferro e fogo.

Logo em seguida, foi nomeado Presidente da Província do Rio Grande do Sul. Havia um grande motivo para essa nomeação: — os gaúchos em revolta há mais de sete anos.

A chamada "Guerra dos Farrapos" foi uma revolução de heróis. Todos lutavam com bravura em nome da justiça e do Brasil. Tanto assim, que quando o ditador Rosas ofereceu ajuda aos farroupilhas foi, prontamente, por estes repellido.

Tudo não passava de falta de confiança mútua entre o Governo Imperial e a vacilante "República de Piratinin".

Era uma tarefa para o Pacificador, como já chamavam ao **BARÃO DE CAXIAS**.

Usou a velha tática. Convidou os brasileiros do lado contrário a lutarem por uma só bandeira: — a do Brasil. Muitos acederam em lutar ao lado do Pacificador, pois ele era a confiança que faltava. Certamente a paz e a justiça voltariam a reinar na Província, no seu governo.

Assim, dentro de dois anos aproximadamente, os próprios chefes da revolução: — Bento Gonçalves, David Canabarro e outros, também acreditaram no novo presidente da Província e aceitaram a honrosa proposta de paz apresentada por este. Os gaúchos jamais esqueceram de agradecer a Caxias a paz que lhes deu, após dez anos de uma luta que jamais quiseram.

Mais uma vez D. Pedro II pagou-lhe com um título de nobreza: — **CONDE DE CAXIAS**.



Em 1852, um perigo externo ameaçou a estabilidade política do nosso país e dos países platinos — Juan Manuel Rosas, o Tigre de Palermo, pretendia reconstituir o Vice-reinado do Prata.

O Governo Imperial, incontinenti, lembrou-se do Conde de Caxias, como o homem indicado para por fim ao sonho do ditador argentino.

A guerra foi rápida. Caxias organizou o seu Exército no Sul do País, cercou Montevidéu, impondo a rendição de Oribe aliado de Rosas e mandou o futuro Conde de Porto Alegre, junto ao general uruguaio Urquiza, para enfrentar Rosas em Montes Caseros. O Tigre de Palermo foi derrotado e fugiu às pressas para a Inglaterra, onde continuou a sonhar até o fim de seus dias.

Caxias, que foi predestinado a manter a integridade do nosso País, voltava mais uma vez invicto.

Por essa época, o Marquês de Caxias, recebera esse título após a campanha contra Rosas, vinha sendo constantemente solicitado a tomar parte nos cargos políticos do País.

Já havia exercido funções civis, com brilhante e irrepreensível atuação, como fora o seu governo no Maranhão, no Rio Grande do Sul e como representante deste Estado no Senado em 1846.

Sempre fora eleito pelas províncias que pacificou. Era uma prova de gratidão e reconhecimento aos serviços nelas prestados.

Certa vez, foi eleito simultaneamente por São Paulo, Rio de Janeiro e Maranhão para tomar assento em suas Câmaras. Governava o Rio Grande do Sul na época e não pôde ser empossado em nenhuma delas.

Como cidadão e homem público exerceu as funções públicas mais importantes do Império.

Senador várias vezes, foi ainda Ministro da Guerra, Conselheiro em assuntos militares e por três vezes presidente do Gabinete do Conselho de Ministros.



Era respeitado nos caminhos sinuosos da política, devido sua atuação ser alicerçada numa conduta honesta e sensata.

Quando quis instituir o serviço militar obrigatório foi derrotado no Legislativo, sem brigar.

Seus discursos na Assembléa eram claros e precisos.

Temos prova disso, pela crítica de Zacarias de Goes e Vasconcelos, cuja língua ferina todos temiam, quando disse referindo-se a Caxias: “— V. Exa. diz que não é dado a discurso, mas pelo que tenho ouvido, V. Exa. sabe o que diz e o que quer, falando sem rodeios e sem floreios costumazes dos politicos profissionais”.

Esse elogio do velho parlamentar baiano, por si só, serve para situar a posição de prestígio, no meio civil, do nosso Patrono.

Até 1864, Caxias viveu na atmosfera tumultuosa dos politicos brasileiros, saindo-se honradamente em todos obstaculos encontrados.

Entretanto, a sua maior glória estava ainda por vir.

A História preparava-lhe a prova de fogo, para então gravar o seu nome junto aos dos maiores generais do mundo.

O gênio militar de Caxias seria testado na inesperada e cruenta Guerra do Paraguai.

Francisco Solano Lopes era um visionário. Sua mente sedenta de grandeza sonhava ambiciosamente com o “Paraguay Mayor”, anexando, sem aviso prévio, ao Paraguai: Rio Grande do Sul, Corrientes e Entre Rios.

O aprisionamento do vapor brasileiro Marquês de Olinda pelos paraguaios, explodiu em nosso País como uma bomba, era a guerra declarada.

Todos os olhares voltaram-se ao velho e incansável Caxias, para comandar o nosso Exército, menos os do governo.

O grande general Osório, do Sul do Brasil, escrevia-lhe: ... “espero-o como Anjo da Guarda para organizar o nosso Exército”.



Entretanto, surpreendentemente, Osório foi nomeado Comandante Geral das Forças Brasileiras.

Alegava o governo que a indicação de Caxias para o comando do nosso Exército causava problema no Partido Liberal, atuante então no Governo. Foi uma decepção na vida de Caxias.

Lopes atacou rapidamente, mas errando sempre.

Errou quando dividiu o seu exército atacando em duas frentes: — Mato Grosso e Rio Grande do Sul; errou quando invadiu Corrientes para atacar o Rio Grande do Sul, provocando a entrada da Argentina na Guerra; errou quando derrotado no Sul do Brasil retrocedeu com as suas forças para o território paraguaio arcando com todos os ônus de uma guerra inglória.

Acertou uma vez, porém, quando pediu uma conferência de paz ao Comandante Geral das Forças Aliadas, General Mitre, ganhando assim tempo para preparar formidável emboscada em Curupaiti.

Nessa batalha 4.093 soldados aliados foram postos fora de combate. Nossos comandantes desnortearam-se com tal tragédia e os soldados perderam a confiança em si próprios.

O Brasil inteiro atônito, sentiu o frio da derrota iminente do nosso Exército. Osório, doente, retorna ao RS e dizia: — “Só um homem poderá nos salvar nesta guerra”. A nação perplexa aguardava a nomeação do novo comandante de nosso Exército. O Imperador, sempre indiferente a Caxias, rendeu-se à evidência dos fatos e o nomeou.

O Gabinete Liberal, antes contrário a essa nomeação, espontaneamente se demitiria, se preciso fosse, para que Caxias aceitasse o cargo.

O convite foi feito. O velho general, com 62 anos de idade, atendeu mais uma vez ao chamado da Pátria e ao seu juramento dizendo: — “minha espada não tem partido Exa”.

Chegara a vez de Caxias. A História iria agora testá-lo.



O insigne chefe encontrou no Paraguai um Exército de soldados maltrapilhos, famintos e doentes. Tratou-os, reorganizou-os, reorientou-os e lhes estimulou a confiança na vitória dizendo-lhes: — “a nossa vitória é certa, pois, o general que vos fala jamais foi vencido”. Junto com os seus velhos companheiros de luta: Osório, Porto Alegre, Gurjão, partiu para a mais audaciosa marcha da História — a sua “marcha de flanco”, no chaco paraguaio. Com esse feito, a História coloca-o ao lado de Aníbal, Alexandre, Napoleão, etc... Como os seus maiores generais.

A Dezembrada, isto, é, a sua série de vitórias no mês de dezembro de 1868: — dia seis em Itororó, dia onze em Avaí, dia vinte e um em Lomas Valentina e dia trinta em Angustura o imortalizou em nosso Exército.

A cinco de janeiro de 1869, o velho general entrava em Assunção, dando a guerra por terminada. Cansado e doente voltava à Pátria, coberto com os louros da vitória. Como paga recebeu o título único de Duque, o reconhecimento eterno da Nação Brasileira e a admiração de outros povos, inclusive os paraguaios.

Caxias merece essa admiração, pois foi um dos generais mais singulares da história, pois sempre pregou a paz.

Enquanto a maioria dos generais se destacou pelas conquistas e destruições de povos em guerras loucas e intermináveis, Caxias, ao contrário, sempre brilhou, empunhando a sua espada para acabar com a guerra.

A vinte e três de março de 1874, aconteceu-lhe o fato mais triste de sua vida — morre Anica, como chamava a sua doce esposa, Ana Luiza. Foi um golpe profundo na alma daquele que sempre fora um bom esposo. O guerreiro agora estava só.

Viveu ainda seis anos, esperando pacientemente que a morte viesse levá-lo para junto de sua Anica.

Esta chegou na noite de sete de maio de 1880. Caxias estava preparado. As 20h30min partiu.



Essa é a história do Patrono do Exército, uma das mais extraordinárias figuras de nossa história.

Se Caxias vivesse nos dias atuais, ainda assim, estaria alguns anos à frente da nossa geração, pois nem todos os seus planos para um melhor futuro do Brasil foram compreendidos e executados pelas gerações posteriores. Sua política para um maior entrelaçamento entre civis e militares finalmente está ressoando aos ouvidos dos brasileiros.

A significação histórica de Caxias é a integridade da Pátria, por isso, do alto do pórtico da vitória vê, agora, sorridente, a união do povo brasileiro pela qual tanto lutava.

Nós já lhe devíamos a integridade da Pátria, agora lhe devemos a união de nossa nação.

Não só por todos esses feitos, nós do Exército, veneramos a Caxias, mas também, pelo profundo sentimento de lealdade que disseminou entre nós e que nos guia quando a Pátria está em perigo.

— Sigam-me os que forem brasileiros, — palavras bradadas 100 anos atrás vai aos poucos fazendo eco entre nós. Sigamos a Caxias na sua honestidade, na sua honradez e sobretudo nas sua lealdade para com a Pátria e as futuras gerações brasileiras terão um Brasil forte e unido.

“Não é uma qualidade rara que faz, por si só, o encanto de uma pessoa; é a harmonia entre todas as qualidades que ela possui.”